

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Alguns casos de formação de plural em português: uma abordagem natural. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 5, p. 127-156, 1983

ALGUNS CASOS DE FORMAÇÃO DE PLURAL EM PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM NATURAL

Pedro Eugênio Gaggiola¹

Isabela Prisco Petry²

Luiz Carlos Schwindt³

No artigo *Alguns casos de formação de plural em português: uma abordagem natural*, publicado em 1983, a professora Maria Bernadete Marques Abaurre, à época identificada como Abaurre-Gnerre, discute a representação fonológica que emerge no processo de flexão de número de vocábulos terminados pelo ditongo nasal [ẽw̃] do português (ex. sermões, pães, irmãos). No estudo, que se baseia em parte em seu trabalho de 1973, intitulado *Nasality in Portuguese: a critical consideration of a proposed analysis for word-final diphthongs*, a autora propõe uma revisão crítica da análise do fenômeno, contrastando a perspectiva assumida pela tradição gerativa, ou Fonologia Gerativa Standard (FGS), aos pressupostos da Fonologia Gerativa Natural (FGN). O argumento básico é o de que análises em FGS dependem de formas subjacentes demasiadamente abstratas para tratar de modo simples e unificado de processos morfológicos, como, por exemplo, a flexão de número em português. A autora desenvolve, então, uma análise com base na FGN, corrente teórica que assume, entre suas premissas, que representações fonológicas podem ser mais fiéis ao que observamos em formas de superfície — ideal de muitas análises que, em outras perspectivas teóricas e metodológicas, se desenvolvem nestes tempos em fonologia.

¹ UFRGS; pedroe.gaggiola@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-0123-6205>.

² UFRGS; isabelappetry@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-1082-6589>.

³ UFRGS; schwindt@ufrgs.br; <https://orcid.org/0000-0003-0533-589X>.

O artigo, que se situa à frente de seu tempo, trata de tópico de grande relevância na esfera dos estudos em fonologia e morfologia. Ao tempo que propõe um debate mais amplo sobre a plausibilidade de abstrações fonológicas, contribui em termos mais específicos, pela cobertura que oferece à análise do fenômeno de flexão de número de vocábulos terminados por [ẽũ], dialogando com o que já se havia produzido sobre o tema e abrindo espaço para estudos em sua esteira, em diferentes perspectivas de análise, como Morales-Front & Holt (1997), Wetzels (1997, 2000), Bisol (1998, 2016), Huback (2010), Cristófaró Silva (2012), Schwindt & Wetzels (2016), Schwindt, Gaggiola & Petry (2021), Schwindt & Abaurre (2022), Leite (2023), Becker *et al.* (2024), Gaggiola & Schwindt (ms), entre diversos outros.

O artigo de Abaurre-Gnerre, objeto desta resenha, se organiza como segue. Na seção 1, introduz o fenômeno e descreve os dados da flexão de nomes fechados por [ẽũ] em português. Na seção 2, descreve a análise do processo na perspectiva da FGS, e, na seção 3, explica o fenômeno à luz da FGN. Na seção 4, a autora contrasta as duas propostas discutidas e, por fim, na última seção, apresenta suas conclusões. Guiada pela estrutura do artigo, esta resenha se apresenta em três seções. A primeira seção retoma o olhar da FGS sobre o plural de nomes terminados em [ẽũ] no português com base em Abaurre-Gnerre (1973). A segunda seção descreve a contraproposta apresentada em Abaurre-Gnerre (1983) para o fenômeno sob o entendimento da FGN. A última seção compara alguns aspectos das duas análises discutidas e dá ênfase ao caráter atual das reflexões estabelecidas no artigo resenhado.

1 A análise de Abaurre-Gnerre (1973) em FGS

O desafio de explicar a alternância observada em substantivos e adjetivos terminados pelo ditongo nasal [ẽũ] é muitas vezes resolvido nas análises que seguem a FGS com a atribuição de segmentos que não necessariamente se observam na forma de superfície à representação subjacente dos vocábulos. Como ilustração, na segunda seção do artigo de 1983, Abaurre-Gnerre recupera sua proposta de 1973 para explicar a alternância observada na flexão de número de nomes terminados por [ẽũ]. Essa proposta parte de três representações distintas para, por exemplo, *sermões*, *pães* e *irmãos*:

- | | | |
|-----|-----------|-------------|
| (1) | singular | plural |
| a. | /sermone/ | /sermone+s/ |
| b. | /pane/ | /pane+s/ |

c. /irmano/ /irmano+s/

Uma análise dessa natureza pode ser considerada abstrata, uma vez que assume a presença do segmento nasal /n/, nunca atestado em formas superficiais, na subjacência dos vocábulos terminados em [ẽw̃]. O argumento que sustenta essa hipótese é o fato de que falantes de português associam *sermões* a *sermonário*, por exemplo, com base na semelhança semântica e fonética dos vocábulos. Parece que há razão para propor que a consoante nasal alveolar que emerge em formas derivadas do tipo *sermonário*, então, esteja presente na representação de sua palavra-base, /sermone/. Esse argumento, que é também o assumido por Camara Jr. (1970) e, mais tarde, em abordagem gerativa pós-FGS, por Bisol (1998), entre outros autores, está sujeito a críticas, como mostra Abaurre-Gnerre nas seções seguintes do texto resenhado.

A autora explica que regras extrinsecamente ordenadas são responsáveis pela forma [ser.'mõ̃js], observada na superfície, da seguinte maneira: uma regra de nasalização transforma a vogal /o/ em [õ]. Há, então, o apagamento de /n/ e o alçamento de /e/ para [i], que forma o glide [j]. Resulta dessa derivação a forma [ser.'mõ̃js]. O ditongo [ẽw̃], percebido na forma singular desse tipo de vocábulo, é explicado a partir de uma regra de desarredondamento da vogal /o/, cujo contexto é criado pelo apagamento de /e/ final em /sermone/ e subsequente vocalização de /n/, transformado em [w]. Na formação do plural, visto que /e/ não se encontra em posição final na representação fonológica /sermone+s/, não há contexto para a aplicação da série de regras que derivam o ditongo [ẽw̃]. Esse ordenamento extrínseco de regras fonológicas, portanto, é capaz de explicar a forma singular [ẽw̃] e as formas flexionadas [õ̃js], [ẽ̃js] e [ẽw̃s] presentes nos nomes em análise.

Análise semelhante é assumida por Bisol (1998), ainda que a autora se proponha explicar o fenômeno à luz da Fonologia Autossegmental (Goldsmith, 1990) e da Fonologia Lexical (Kiparsky, 1982). Destacamos dois pontos principais sobre os quais as propostas divergem, salvaguardadas as demais diferenças entre os modelos representacionais e de gramática defendidos por cada análise: (i) Bisol (1998) assume subespecificação na representação subjacente dos vocábulos em investigação. Assim, a nasalidade do ditongo advém de um suprasegmento nasal /N/ subjacente que é ausente em traços articulatorios. Abaurre-Gnerre (1973), por outro lado, entende que há uma consoante nasal alveolar na subjacência dos vocábulos estudados. (ii) A vogal localizada na borda direita do vocábulo é entendida como /o/ por Bisol (1998) e como /e/ por Abaurre-Gnerre (1973). O glide palatal

presente em [ser. 'mõjs] é derivado da representação fonológica /sermoN+o+S/ na proposta de Bisol, fruto da expansão do traço [coronal] de /S/.

Essa primeira proposta visitada em Abaurre-Gnerre (1983) exemplifica o tratamento dado a fenômenos morfofonológicos em perspectivas *standard* de fonologia gerativa. Para que o processo morfológico de flexão em português seja reduzido ao acréscimo do morfema -s, assume-se abstração nas formas fonológicas dos vocábulos, as quais serão mapeadas até a superfície por regras da fonologia que podem ser entendidas como complexas, como lembra a autora. Cabe notar, entretanto, que a proposta da FGS não dá espaço para que aspectos fonológicos do vocábulo, como número de sílabas e tonicidade, assumam papel na seleção de [õjs], [ẽjs] ou [ẽws], apesar de já ser reconhecida por Abaurre-Gnerre (1983, p. 129-130) a correlação entre vocábulos paroxítonos e monossílabos e as alternantes [ẽws] e [ẽjs].

2 A análise de Abaurre-Gnerre (1983) em FGN

Guiada pelos trabalhos de Vennemann e Hooper, a autora mostra que a distribuição das alternantes de plural às quais se dedica pode ser explicada no modelo da FGN de modo a simplificar a fonologia do português. Para isso, a autora assume a Condição de Naturalidade Forte Revista (Vennemann, 1973), que postula um léxico contendo “uma lista de todas as palavras da língua, representadas foneticamente” (Abaurre-Gnerre, 1983, p. 135). Essa condição implica haver redundância entre conteúdo lexical e regras gramaticais, duplicidade evitada pela FGS. O argumento derivacional utilizado para justificar a presença da consoante nasal /n/ em /pane/, por exemplo — já que essa consoante aparece no vocábulo derivado *panificar* —, é entendido como válido para propostas de gramáticas diacrônicas, somente. Dessa forma, o caráter explicativo de análises no âmbito da FGS não é ambicionado no estudo em FGN de Abaurre-Gnerre. Às gramáticas dedicadas à sincronia linguística caberia apenas a descrição dos fatos no estágio atual da língua, de acordo com o que sugere a autora.

A análise em FGN prevê, com base em um critério de produtividade, que o padrão de plural não marcado para nomes terminados em [ẽw] está refletido na alternante [õjs]. Automaticamente, novas palavras com essa terminação terão seus plurais expressos de modo a seguir o exemplo de *sermões*. Ainda, Abaurre-Gnerre explica que há duas classes de nomes fechados por [ẽw] marcadas no léxico por diacrítico que originam, cada uma delas, as alternantes [ẽws] e [ẽjs]. O diacrítico reflete o fato de que, de acordo com a autora, falantes

nativos do português necessitam de memorização para atribuir determinado vocábulo terminado em [ẽw̃] à classe de nomes que flexionam em [ẽw̃s] ou [ẽjs].

Nomes do tipo *irmão*, que realizam plural em [ẽw̃s], são marcados no léxico por meio do diacrítico I, que remete ao aspecto *invariante* da alternante se comparada ao observado superficialmente na forma singular, [ẽw̃]. Já nomes do tipo *pão*, que exibem a alternante [ẽjs] quando no plural, apresentam-se marcados pelo diacrítico A, que faz referência à *alternância* do glide observada em [ˈpẽw̃] → [ˈpẽjs]. Propõe, neste recorte, duas regras que dão conta de explicar as formas de plural dos nomes: (i) a regra de alternância de glide, que prevê que semivogais sejam anteriorizadas no contexto de morfema de plural, como em [a.le.ˈmẽw̃] → [a.le.ˈmẽjs], e (ii) a regra de alternância de vogal nasalizada, responsável pelo arredondamento de [ẽ] apenas em contexto de glide palatoalveolar subsequente, como em [ser.ˈmẽw̃] → [ser.ˈmõjs].

Assim, os nomes marcados com o diacrítico I (ex. grão) mostram-se imunes à regra (i) — e, por consequência, à regra (ii) — e aqueles marcados com o diacrítico A (ex. alemão) não se submetem à regra (ii). Por fim, os nomes que não apresentam diacríticos sofrem as alternâncias previstas por ambas as regras (ex. limão). Uma vantagem dessa análise, além da redução em termos de número de regras, está no ordenamento natural que se observa entre as regras (i) e (ii). Ou seja, a regra (i) cria o contexto de aplicação da regra (ii), uma vez que (ii) requer a presença de [j] para que se aplique. Desse modo, a proposta não demanda que se estabeleça um ordenamento extrínseco entre as regras: elas se aplicam sempre que há contexto estrutural.

Como já apontado, nessa análise o argumento que considera formas derivadas como *irmanado* para justificar a presença de /n/ na representação de ditongos nasais é reinterpretado: na esfera sincrônica da língua, não é necessário postular que *irmão* e *irmanado* apresentam relação de derivação. Os falantes que possuem ambas as formas listadas no léxico as associam por meio de uma relação denominada *via-rule* (Vennemann, 1972). As formas [ir.ˈmẽw̃] e [ir.mẽ.ˈna.du] encontram-se relacionadas no léxico por uma regra como a observada a seguir:

$$(2) \quad n \leftrightarrow \tilde{w}$$

Esse tipo de regra pode ou não integrar o conhecimento linguístico de determinado falante — em função de aspectos sociolinguísticos, por exemplo — e sua ausência não resulta na incapacidade de produzir estruturas linguísticas bem-formadas (Hooper, 1973). Ao abrir mão da hipótese de que há relação de derivação entre os vocábulos [ir.ˈmẽw̃] e [ir.mẽ.ˈna.du], a

análise em FGN realoca-se no debate a respeito de em que medida conhecimento linguístico depende de informação memorizada. Ao assumir que formas fonéticas se encontram armazenadas no léxico, essa análise passa a conferir à gramática o encargo de tornar explícitos os padrões lexicais presentes no conhecimento linguístico, relativizando seu poder gerativo. Assim, Abaurre-Gnerre (1983) aplica a um fenômeno morfofonológico do português uma análise embasada por um entendimento de léxico e gramática que, em alguns aspectos, os aproxima à concepção fundamental de conhecimento linguístico desenvolvida pela corrente teórica que, muitos anos depois, tornou-se conhecida como Fonologia de Uso (Bybee, 2001, 2002; Pierrehumbert, 2001; entre outros).

3 Comentários sobre as análises em FGS e FGN

Como se discutiu nesta resenha, a análise em FGN põe em xeque a ausência de complexidade morfológica no fenômeno de alternância observado na flexão de número de nomes terminados por [ẽũ]. A proposta que explica o fenômeno com base na FGS conquista pretensa simplicidade morfológica atribuindo abstração às formas retidas na mente dos falantes, o que requer complexificar o mapeamento entre estrutura subjacente e de superfície, pelo qual a fonologia é responsável. O fato de determinados vocábulos permitirem duas ou três formas de plural sem motivação estrutural aparente (ex. anciões, anciãos, anciães) corrobora a ideia de que esse fenômeno deve ser tratado como complexo morfológicamente segundo Abaurre-Gnerre (1983). Além disso, sempre que mais de uma forma de plural é atestada para determinado vocábulo desse recorte, a alternante mais produtiva, [õĩs], corresponde a uma dessas formas. Essa observação é interpretada pela autora como uma tentativa de regularização do plural de nomes terminados por ditongo no sentido de priorizar a alternante mais frequente. O destaque dado à produtividade da alternante [õĩs], que incorpora novos vocábulos ao seu domínio, é verificado experimentalmente, décadas mais tarde, em Huback (2010) e Leite (2018), por exemplo.

No estudo de Abaurre-Gnerre (1983), podem-se observar considerações acerca do papel da frequência de uso na resistência de certas formas à flexão de número por meio de [õĩs]. A autora adverte que, em um estágio futuro da língua, deverão figurar “como fossilizados os plurais dos nomes cuja frequência de ocorrência é tão alta que qualquer modificação seria sentida como estranha e, conseqüentemente, bloqueada” (Abaurre-Gnerre, 1983, p. 145). O exemplo dado para esse tipo de vocábulo é o de *pão* → *pães*. Ainda que se possa questionar a

efetiva fossilização dessas alternantes minoritárias, assumindo-se que alguma força ativa na sincronia da língua possa responder por sua seleção, como, entre outros aspectos, a preferência por monossílabos ou por palavras formadas por sufixo gentílico (Bisol, 2016; Schwindt, Gaggiola & Petry, 2021; Rizzato, 2018; Becker *et al.*, 2024; Gaggiola & Schwindt, ms), a sinalização para o papel da frequência de uso nesse fenômeno é referendada em diversos estudos subsequentes (Huback, 2010; Cristófaró Silva, 2012). Nesse sentido, tem-se mais um exemplo de debate contemporâneo no campo de estudos em morfofonologia proposto no artigo de Abaurre-Gnerre.

Uma diferença importante entre as análises comparadas diz respeito à complexidade do processo que subjaz a produção da alternante [õ̃s], observada a forma de singular [ẽw̃]. Na comparação entre as formas de superfície [ẽw̃] e [õ̃s] atesta-se alteração na vogal e no glide, além de acréscimo de [s], processo que pode ser visto como mais complexo se comparado ao resultado da flexão de número percebido em [ir. 'mẽw̃] → [ir. 'mẽw̃s]. De acordo com a autora, essa complexidade é ilusória em análises embasadas na FGS: a alternante [õ̃s] de plural está prevista na representação subjacente do vocábulo /sermone/, por exemplo, e a derivação fonológica que mapeia /sermone/ à sua forma de superfície não é evidentemente menos ou mais complexa que aquela responsável por derivar [ir. 'mẽw̃] de /irmano/. Na análise em FGN admite-se que há níveis de complexidade, entretanto, e toma-se como evidência para tal pressuposto a eventual dificuldade de falantes em atribuir plural a nomes como *cidadão*, por exemplo. Esse comportamento corrobora a hipótese de que a alternância observada em nomes terminados por [ẽw̃] é morfologicamente complexa e demanda memorização, de acordo com Abaurre-Gnerre (1983). Ainda, a produtividade da alternante [õ̃s], menos simples se comparada à alternante [ẽw̃s], pode ser explicada na proposta da FGN como reflexo da atribuição de significação gramatical à alternância da vogal e do glide. Segundo a autora, uma vez que esse padrão se faz presente no português, os falantes estabelecem relação entre essa alternância e a noção de plural em nomes terminados pelo ditongo nasal em questão. Essa relação explica a reanálise às vezes observada no plural *cidadões*, por exemplo. Assim, a alternância mais complexa pode ser interpretada como reforço à noção de plural, já contida no morfema -s, de modo similar ao que ocorre na metafoia nominal (ex. n[o]vo → n[ɔ]vos) e no plural de nomes terminados por ditongo oral (ex. pap[ɛw] → pap[ɛjs], cuja alternância do glide pode ser estendida a degr[aw] → degr[ajs]). Assemelha-se ao que Camara Jr. classificou como alternância submorfêmica.

Como discutido, o texto resenhado de Abaurre-Gnerre levanta questões até hoje não consensuais em morfofonologia acerca da natureza do conhecimento linguístico e de suas representações subjacentes. De modo particular, persistem indagações sobre a realidade empírica e psicológica que subjaz a alternância de plural em discussão e sobre a relação entre nomes fechados por [ẽw̃] e formas derivadas em que emerge a consoante nasal [n], como *panificar* ou *irmandade*. Em relação à primeira indagação, trabalhos como os de Becker *et al.* (2024) e Gaggiola & Schwindt (ms) trazem nestes dias novos e importantes *insights* sugerindo haver motivação estrutural para a seleção de uma ou outra alternante de plural, com base em metodologias experimentais utilizando pseudopalavras. No que concerne à segunda indagação, a resposta vem, por exemplo, em Schwindt & Abaurre (2022), sob inspiração da sinalização feita por Abaurre-Gnerre (1983), que aponta textualmente para a necessidade de se identificar motivação empírica independente que dê suporte à ideia da presença da consoante nasal na representação fonológica dos nomes terminados por ditongo nasal. No artigo, os autores analisam esses padrões derivados em perspectiva experimental fazendo uso de pseudopalavras e propondo tratamento estatístico aos dados.

A realidade psicológica das propostas em FGS e FGN é ponderada no artigo resenhado, resultando em uma concepção do fenômeno ao qual a autora se dedica que soma efeitos do uso linguístico a generalizações passíveis de formalização gramatical. O principal mérito do debate proposto por Abaurre-Gnerre (1983) reside em sua atualidade, tanto no que diz respeito à vanguarda que representa à época de sua publicação quanto em relação à sua relevância na contemporaneidade. Evidência disso está no espaço que o estudo abre para outros trabalhos a respeito do tratamento morfofonológico da pluralização de palavras finalizadas pelo ditongo nasal [ẽw̃], como Wetzels (1997, 2000), Bisol (1998, 2016), Huback (2010), Cristófaró Silva (2012), Rizzato (2018), Leite, (2018, 2023), Schwindt, Gaggiola & Petry (2021), Becker *et al.* (2024), entre diversos outros.

REFERÊNCIAS

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. *Nasality in Portuguese: a critical consideration of a proposed analysis for word-final diphthongs*. Monografia (Linguística). Departamento de Linguística, SUNY/AB, Nova Iorque, 1973.

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Alguns casos de formação de plural em português: uma abordagem natural. *Cadernos De Estudos Linguísticos*, v. 5, p. 127-156, 1983. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636631/4350>. Acesso em: 19 ago. 2024.

BECKER, M.; NEVINS, A.; SANDALO, F. & RIZZATO, E. (2024). Prosodic generalizations in the Brazilian Portuguese diphthongal plural. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, p. 1–31. DOI: <https://doi.org/10.16995/jpl.9740>.

BISOL, L. A Nasalidade, um Velho Tema. *DELTA*, v. 14, p. 27-46, 1998.

BISOL, L. A nasalidade fonológica no português e suas restrições. *Diadorim*, v. especial, p. 116-126, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4050>. Acesso em: 19 ago. 2024.

BYBEE, J. L. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BYBEE, J. L. Word Frequency and Context of Use in the Lexical Diffusion of Phonetically Conditioned Sound Change. *Language Variation and Change*, n. 14, p. 261-290, 2002.

CAMARA JR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CRISTÓFARO SILVA, T. Organização fonológica de marcas de plural no português brasileiro: uma abordagem multirrepresentacional. *Revista da Abralin*, v. 11, p. 273- 306, 2012. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1141>. Acesso em: 19 ago. 2024.

GAGGIOLA, P. E.; SCHWINDT, L. C. *Alternantes minoritárias no plural de nomes terminados em <ão> no português brasileiro: contextos favorecedores*. No prelo.

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Basil & Blackwell, 1990.

HOOPER, J. B. *Aspects of Natural Generative Phonology*. 1973. 140 f. Tese (Doutorado). University of California at Los Angeles. Los Angeles, 1973.

HUBACK, A. P. Plurais em -ão do português brasileiro: efeitos de frequência. *Revista Linguística*, v. 6, p. 9-28, 2010.

KIPARSKY, P. Lexical Morphology and Phonology. In: Yang , I -S (Ed.) *Linguistics in the Morning Calm*. Hanshin, 1982.

LEITE, M. C. *Alomorfia na pluralização do ditongo nasal em português brasileiro: um estudo experimental preliminar*. Pesquisa de iniciação científica desenvolvida no curso de Letras na EFLCH da Universidade Federal de São Paulo, 2018.

LEITE, M. C. *Alomorfia no plural do ditongo nasal em português brasileiro*. 2023. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2023.

Organon, Porto Alegre, v. 39, n. 78, jul/dez. 2024.

DOI: 10.22456/2238-8915.142392

MORALES-FRONT, A.; HOLT, E. The interplay of morphology, prosody, and faithfulness in Portuguese pluralization. In: MARTÍNEZ-GIL, F.; MORALES-FRONT, A. *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian languages*. Washington, D. C: Georgetown University Press, 1997, p. 392-437.

PIERREHUMBERT, J. B. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. *Typological studies in language*, v. 45, p. 137-158, 2001.

RIZZATO, É. *Interação do plural de -ão e do aumentativo -zão na formação de compostos no português brasileiro*. 2018. 94 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

SCHWINDT, L. C.; WETZELS, L. The Morphology and Phonology of Inflection. In: WETZELS, L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. *The Handbook of Portuguese Linguistics*. West Sussex: John Willey & Sons, 2016.

SCHWINDT, L. C.; ABAURRE, M. B. M. On the emergence of [n] in the derivation of nasal-final words in Brazilian Portuguese. *Journal of Speech Sciences*, v. 11, 2022. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/joss/article/view/16537>. Acesso em: 19 ago. 2024.

SCHWINDT, L. C.; GAGGIOLA, P. E.; PETRY, I. P. Frequência e distribuição de plurais irregulares no Corpus Brasileiro. *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 1-35, 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/17466>. Acesso em: 19 ago. 2024.

VENNEMANN, T. Rule inversion. *Língua*, v. 29, p. 209-242, 1972.

VENNEMANN, T. *Phonological concreteness in natural generative phonology*. Washington D.C.: Georgetown University Press, 1973.

WETZELS, L. The Lexical representation of Nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 2, n. 9, p. 203-232, 1997.

WETZELS, L. Comentários sobre a estrutura fonológica dos ditongos nasais no português do Brasil. *Revista de Letras*, v. 1, n. 22, p. 25-30, 2000.

Artigo submetido em: 02 set. 2024

Aceito para publicação em: 07 out. 2024

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.142392>